



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

A ENTREVISTA DE NARRATIVA DE VIDA: UMA ABORDAGEM QUE REVELA UM GÊNERO



THE LIFE NARRATIVE INTERVIEW: AN APPROACH THAT REVEALS A GENDER

EDLA FREITAS RIBEIRO
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, BRASIL

SANDRA MAIA FARIAS VASCONCELOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/07/2020 • APROVADO EM 19/08/2020

Abstract

This work aims to approach the strategies of elaboration and execution of life narrative interviews as a method for the production of data for qualitative research in the area of Social Sciences and Humanities. The life narrative interview has specific peculiarities generated by the gender itself and that need to be contemplated in order to produce a relationship between the story told and the socio-historical context. The senses, beliefs, values about oneself and about the world, exposed to each statement, guide and justify the actions of the informants, in addition to bringing out the representation of a particular self, but not independent of the social body. The perspective adopted here is that of the ethno-sociological narrative of life, formulated by Bertaux (2010), and the dialogism of Bakhtin (2016), in a debate about the latencies of analysis that the investigations of life stories reveal about social phenomena. Ricoeur (1997) presents the implications of a self historically

located in the present, but which refers to the past and the future. The discursivization of experience as an action on oneself exposes a handcraft and daily mode of communication. The process of story collection is also part of narrativization and, as such, requires as much attention as the moment of analysis. When dealing with life narratives, the meeting of two singularities requires commitment and reciprocity for the creation of an identity discourse.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo abordar as estratégias de elaboração e execução de entrevistas de narrativas de vida como método para a produção de dados para pesquisa qualitativa na área das Ciências Sociais e Humanas. A entrevista de narrativa de vida tem peculiaridades específicas que são geradas pelo próprio gênero e que precisam ser contempladas, para que se produza uma relação entre a história que se conta e o contexto sócio-histórico. Os sentidos, as crenças, os valores sobre si e sobre o mundo, expostos a cada enunciado, encaminham e justificam as ações dos informantes, além de fazerem emergir a representação de eu particular, mas não independente do corpo social. A perspectiva adotada aqui é a da narrativa de vida etnossociológica, formulada por Bertaux (2010), além do dialogismo de Bakhtin (2016), num debate sobre as latências de análise que as investigações das histórias de vida revelam sobre os fenômenos sociais. Ricoeur (1997) apresenta as implicações de um eu localizado historicamente no presente, mas que se referencia no passado e no futuro. A discursivização da experiência como ação sobre si mesmo expõe um modo artesanal e cotidiano de comunicação. O processo de coleta de histórias é também parte da narrativização e, como tal, necessita de tanta atenção quanto o momento de análise. Em se tratando de narrativas de vida, o encontro de duas singularidades exige comprometimento e reciprocidade para a criação de um discurso de identidade.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Narrative interview. Narrative identity. Experience.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista narrativa. Identidade narrativa. Experiência.

Texto integral

Há uma tentativa em andamento para livrar a linguagem de sua incômoda espessura, uma tentativa de apagar das palavras todo o sabor e toda a ressonância, a tentativa de impor pela violência uma linguagem lisa, sem manchas, sem sombras, sem rugas, sem corpo, a língua dos deslinguados, uma língua sem outro na qual ninguém escuta a si mesmo quando fala, uma língua despovoada.

José Luis Pardo

1. INTRODUÇÃO

Pensar a entrevista narrativa a partir de sua especificidade é seguir um caminho oposto ao que se pratica numa entrevista jornalística, por exemplo. No jornalismo cotidiano, preza-se por um sentido implícito de urgência – urgência tal

que o factual ganha relevância sobre os sujeitos – que “superficializa” e generaliza as histórias que apresenta. Não se pode perder de vista, contudo, que essa emergência aplicada à notícia é parte integrante do gênero jornalístico. Está-se sempre a correr em busca da atenção do leitor/ouvinte/espectador. Desta forma, o entrevistado torna-se figuração no cenário da notícia dada. Nas palavras de Muniz Sodré (2006, n. p.)¹, “o jornalismo ganha do tempo, vence a luta contra o relógio, e isso tanto na hora da pauta como na hora da apuração, da redação, da edição, da veiculação e da recepção”. Pode-se dizer também que, do entrevistado, procura-se a informação, um dado que será abordado com o cuidado de assegurar

[...] a maior transparência entre a informação que se apresenta como um “estar aí” e a instância de recepção que deve decodificá-la tal e qual. Daí a introdução de técnicas (quase sempre ligadas ao domínio da inteligência artificial) destinadas ora a definir a unidade de informação para poder contabilizá-la, ou mesmo “computá-la” (velho sonho da máquina humana), ora a medir o impacto do modo de tratamento junto aos receptores para poder, conjugando os dois tipos, variar a *performance* da mensagem informativa segundo a quantidade dessas unidades e a força desses impactos (CHARAUDEAU, 2013, p. 36, grifo do autor).

A entrevista narrativa foge a qualquer estruturação que não vise um aprofundamento do que é dito/não dito. Embora necessário, o entrevistador deve manter-se minimamente presente no contexto da entrevista. A ideia é reproduzir a cotidianidade, os encontros rotineiros, as conversas despretensiosas. Ali, naquele espaço de reconstrução de acontecimentos, não é que o entrevistador deva esconder as intenções de sua pesquisa – e não deve mesmo –, mas inserir-se, até onde for possível, e com espontaneidade, no dia a dia de seu entrevistado/sua entrevistada. A legitimidade das entrevistas narrativas está evidenciada na sua eficácia em se fazer, ao mesmo tempo, instrumento de coleta de dados e interpretações prévias, para que futuramente apresentem-se os sentidos expostos por quem narrou.

A linguagem que o entrevistador emprega deve também passar por ajustes. O ideal é “apropriar-se” da linguagem de seu informante e não lhe impor qualquer outra. Não se trata de copiar seu modo de falar. É proporcionar a ele/ela a liberdade de não apenas dizer, mas de enunciar, tendo em vista que o modo como se fala também é um elemento narrativo. A linguagem do entrevistado/da entrevistada surgiu num contexto de interação e precisa ser respeitada dentro da pesquisa. Esta é uma abordagem que coloca a perspectiva do entrevistado no centro da conversa.

Segundo Bertaux (2010, p. 47),

¹ SODRÉ, Muniz. Do dever ao prazer. In: GUEDES CAPUTO, Stela. Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006. *E-book* (172p.): (Coleção Ensinar Jornalismo). ISBN 85.326.3306-4. Disponível em: https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf. Acesso em 21 dez. 2019.

Para narrar bem uma história é necessário delimitar os personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar suas razões de agir, descrever os contextos das ações e interações e até mesmo formular julgamentos (avaliações) sobre as ações e os próprios atores. Descrições, explicações, avaliações, mesmo não sendo formas narrativas, fazem parte de toda narração e contribuem para construir significados.

A pormenorização feita acima ainda não abrange tudo. Muitos outros aspectos precisam ser refletidos quando se opta por construir narrativas de vida a partir de entrevistas². Usamos este último termo no plural, pois, a constituição do narrar de uma existência esbarra numa temporalidade que, de modo algum, não é mediada pela cronologia. Desta forma, quem pesquisa não deve apoiar-se na ilusão de que uma conversa com seu informante, por mais longa e reveladora que seja, será capaz de abarcar minimamente um entendimento sobre a história de uma vida. É preciso que entrevistador e entrevistado empreendam o diálogo como quem tem uma conversa rotineira. Contar um episódio como se estivesse falando com um vizinho de porta da casa em que se vive há mais de vinte anos. Evidentemente, que não se pode condicionar a pesquisa a graus de intimidade. O desejável seria que interlocutores cultivassem alguma familiaridade. Este é um tipo de relação que não se constrói em apenas uma conversa. Talvez, o ponto ideal seja aquele em que o entrevistado ou a entrevistada compreenda os propósitos da pesquisa de forma que seus objetivos também sejam tema da conversa.

Sobre o que foi dito acima, entende-se que para se fazer uma entrevista de narrativa de vida é, antes de tudo, necessário estar ciente dos movimentos que a narrativização do eu mobiliza – a citar o tempo, a experiência discursivizada, a própria enunciação narrativa. Com esta compreensão em mente, optamos por refletir, inicialmente, sobre tais mobilizações, para, daí, nos determos na proposta deste trabalho, que são as metodologias usadas em entrevistas que têm a história de vida de uma ou mais pessoas como objetivo.

2. NARRATIVA DE VIDA: MULTIPLICIDADE DE PERTENÇAS

As narrativas de vida retornaram aos interesses das Ciências Sociais, mais particularmente, na década de 1980, pelas vias da experiência. É a época em que os sociólogos percebem a expressão das singularidades a partir da discursividade numa perspectiva crítica das histórias colhidas.

A noção de sujeito dos anos 1980 nem é a de sujeito assujeitado às regras sociais e nem é submisso ao inconsciente. Há a ruptura com o paradigma freudiano e com os paradigmas determinantes. Os indivíduos permitem-se condicionamentos, mas não determinismos. Este é um sujeito que nasce com margens de liberdade,

² Temos nos repetido, voltando sempre à “construção de narrativas de vida por meio de entrevistas”, pois este trabalho visa especificamente o modo de fazer essas entrevistas. Todavia, à narrativa de vida não se chega somente pelo acesso da entrevista. O método de coleta de narrativas para compor o *corpus* da pesquisa depende muito do que se pretende com o estudo.

pois, é um sujeito com representações, com crenças, com valores. E quando o sujeito fala, ele ressignifica.

Com a queda desses grandes paradigmas, a narrativa passa a ser um parâmetro psicológico, sociológico e linguístico. A identidade se constrói pela narrativa. O ser humano se compreende ao interpretar-se e o modo como ele se interpreta é o narrativo.

As ambiências narrativas apontam para um lugar

[...] de um dialogismo incessante, foro onde se entrecruzam e se respondem as falas do outro, [...] é ao mesmo tempo o lugar de uma apropriação da fala para si. A produção do sentido em ação na narrativa revela a atividade propriamente hermenêutica do narrador que ordena cada um dos elementos de sua experiência segundo a percepção totalizante que ele tem de si mesmo e do desenrolar de sua vida: como no círculo hermenêutico onde o todo e as partes estão numa relação de significação recíproca, o *Eu* da narrativa põe em forma os acontecimentos e as experiências, e entre eles, os outros e a pluralidade de seus discursos, e torna visível o processo de individuação e de formação pelo qual o sujeito constrói seu ser social singular (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 291, grifo da autora).

Ainda que exista uma fecunda presença da narrativa em nosso cotidiano, quando, por exemplo, contamos para alguém como se deu nosso dia, ou quando relatamos um fato a alguém, a narrativa como meio de análise de fenômenos sociais é prática recente em áreas como a linguística.

Não se deve, todavia, ignorar os discursos que se constroem ali, naqueles casos corriqueiros ou nas narrativas de resistência/sobrevivência. É no comum do dia a dia que são gestadas as grandes mudanças ou mantidas as grandes opressões.

[...] o discurso está sempre voltado para outra coisa além das regras de uso da língua. Resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala. E, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido. Descrever sentido de discurso consiste, portanto, em proceder a uma correlação entre dois polos (CHARAUDEAU, 2013, p. 40).

O mais comum dos estudos em narrativas de vida são as investigações *etnossociológicas*. Daniel Bertaux criou o termo ao refletir que nem o sociólogo nem o etnólogo podem “[...] se contentar em descrever um campo particular (uma comunidade humana de dimensões limitadas) e em analisar sua subcultura” (BERTAUX, 2010, p. 23). O que Bertaux deseja encontrar nos estudos das narrativas

de vida é muito mais do que identificar o que há de *particular* e o que há de *geral* no comportamento humano. O objetivo é verificar os tensionamentos que estes dois polos interdependentes criam, em coexistência, mundos sociais, desenvolvendo para si uma cultura própria, um código de linguagens múltiplas, incorporada por seus participantes (BERTAUX, 2010).

As ponderações terminológicas de Bertaux se estendem também às noções de narrativa de vida. São reflexões que contribuem tanto para uma conceituação quanto para uma postura metodológica de recolha de histórias. Em sua análise sociológica, a narrativa de vida é o relato que uma pessoa faz sobre sua *experiência* de vida, de “forma oral e mais espontânea” (BERTAUX, 2010, p. 49), diante de outra – no caso específico da etnossociologia –, o relato de um pesquisador³.

Entre as mediações de aspectos subjetivos e de cultura, o sujeito interpõe

[...] seus esquemas de *percepção* e de *avaliação*. Entre a memorização das situações, acontecimentos e ações e sua evocação ulterior se interpõe a mediação das *significações* que o sujeito lhes atribui retrospectivamente, através da *totalização* mais ou menos reflexiva que fez de suas experiências (totalização que não pode deixar de levar em conta as percepções e avaliações destes mesmos acontecimentos ou atos *por seus próximos*). Entre os que ele viveu e totalizou e o que consente dizer hoje se interpõem, ainda, outras mediações (BERTAUX, 2010, p. 51, grifos do autor).

Esta compreensão sobre a narração é bastante decisiva para que a experiência vivida se torne objeto de análise. Existe um espaço entre o que se viveu e o que se conta sobre o que se viveu. Só com a verbalização de quem viveu sobre o que viveu é que caracterizamos a narrativa dessa vida. Embora a etnossociologia não tenha como

[...] objetivo apreender as representações ou os valores de um indivíduo singular, seu objeto é o estudo de um ‘fragmento particular de realidade sócio-histórica’, a partir de uma pluralidade de dados e de documentos entre os quais as narrativas de vida ocupam um lugar não exclusivo. Os objetos de estudo privilegiados da pesquisa etnossociológica são os mundos sociais constituídos em torno de tal ou tal atividade profissional, as categorias de situação que reúnem o conjunto de pessoas de uma dada situação social, ou as genealogias familiares e as trajetórias sociais que estudam linhagens e delineiam percursos (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 280).

³ As sondagens etnossociológicas não abarcam as autobiografias. Conforme Bertaux (2010, p. 49), “na autobiografia, forma escrita e autorreflexiva, o sujeito que lança, solitário, um olhar retrospectivo sobre sua vida passada, a considera na *totalidade* e *como* uma totalidade. Já na narrativa de vida etnossociológica, [...] forma *dialógica*, o sujeito é convidado pelo pesquisador a considerar suas experiências passadas através de um *filtro*” (grifos do autor).

A leitura dos indícios que significam e estabelecem encadeamentos na estrutura diacrônica da narrativa fogem de sua leitura cronológica. O narrador “[...] ordena os pontos salientes de sua história em função de sua *crônica* pessoal, e não de uma simples *cronologia* factual” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 287, grifos da autora).

O enredamento das partes narradas aproveita-se de angulações temporais e de sua “integralidade estrutural” (RICOEUR, 1997, p.111). O presente não é capaz de cumprir propriamente a busca pela totalidade, uma vez que ele não pode assumir a

[...] função de articulação e de dispersão, porque ele é a categoria temporal menos apta a uma análise originária e autêntica, em virtude de seu parentesco com as formas decaídas da existência, a saber, a propensão do ser-aí⁴ a se compreender em função dos seres dados (*vorhanden*) e manejáveis (*zuhanden*), que são o objeto de seu cuidado presente, de sua preocupação. Já aqui o que parece mais próximo aos olhos de uma fenomenologia direta mostra-se o mais inautêntico; e o autêntico, o mais dissimulado (RICOEUR, 1997, p.111).

O ser está no “estado de esquecimento” (RICOEUR, 1997, p. 112) e só pode ser resgatado por meio da linguagem. “A conquista de conceitos primitivos, originários, é, assim, inseparável de uma luta contra a inautenticidade, ela própria identificada à cotidianidade”. A entrevista de narrativa de vida é a procura pelo autêntico, um rastreio que não vai adiante “sem um constante apelo ao *testemunho* do existenciário” (RICOEUR, 1997, p. 112, grifo do autor).

De tal *testemunho existenciário* (RICOEUR, 1997, p. 112) se refaz o passado, ou melhor, faz-se com que ele exista, afinal, olha-se para o que já passou sempre com as vistas que temos hoje. O passado é reconstituído a cada ato de (re)narrativização, pois, só tem sentido

[...] a posse atual da atividade do passado. [...] O conhecimento histórico começa com a maneira como entramos em sua posse. Poder-se-ia dizer, em forma de paradoxo, que um rastro só se torna rastro do passado no momento em que seu caráter de passado é abolido pelo ato intemporal de repensar o acontecimento em seu interior pensado. A reafirmação, assim, compreendida, dá ao paradoxo do rastro uma *identitária*, sendo o fenômeno da marca, da impressão e o de sua perpetuação pura e simplesmente remetida ao conhecimento natural. (RICOEUR, 1997, p. 247-248, grifo do autor).

⁴ *Ser-aí* é um conceito da filosofia de Heidegger. Para o filósofo, o ser-aí é um ente que permite ao ser humano questionar a própria existência. É a interioridade particular de cada indivíduo e alcançada apenas no presente, por isso mesmo está alheia a sistematizações quantitativas. Segundo Ricoeur (1997), o ser-aí está em debate constante entre o que aprendeu no passado e o que presencia na sua realidade atual. É o embate da autenticidade e a inautenticidade. Ricoeur recorre a Heidegger para refletir sobre a importância da passagem do tempo na constituição dos sentidos encontrados nas narrativas de vida.

As dimensões temporais do sujeito e de suas ações são imanentes. Isto é, quando alguém se organiza internamente por meio da narrativa de sua vida, o faz com um sentimento de completude. Passado, presente e futuro se orquestram entre si, sem estabelecer uma hierarquia de uma dimensão sobre a outra e sem que uma subtraia a outra. Surgem daí os primeiros sentidos. Pode-se dizer, então, que

[...] quanto mais a experiência é forte e sensacional, quanto mais ela impressiona o sujeito a ponto de o abalar [*sic*], menos rapidamente ela pode ser compreendida. É preciso que ela se re-exprima, que ela torne a executar seu movimento *a posteriori* e em câmera lenta para que possa ser apreendida e organizada. A experiência vivida só tem acesso à história – a uma significação ordenada e datada – se for capaz de se exprimir e de se re-apresentar. Essa re-apresentação, essa conquista de um novo presente é paradoxal, pelo fato de constituir, ao mesmo tempo, o produto de um trabalho de rememoração e o surgimento do novo como sincronização de vários tempos, como dádiva, presente. Presente, grávido de presenças concentradas e fortalecidas por elas, como essências da irrepresentabilidade do tempo e de suas possibilidades (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 112).

Assim, as histórias de vida dão acesso não concluído à historicidade (PINEAU e LE GRAND, 2012). Este ingresso na temporalidade histórica individual não inclui o futuro, apenas o projeto e o preenche de expectativas. O trânsito na própria historicidade proporciona um “presente histórico singular” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 112) e

[...] estabelece, de modo sincronizado, um contato direto com os fatores determinantes da existência, mas também com suas indeterminações e com o jogo – por vezes muito tênue – que resulta desse processo. Tentar se aproximar um pouco mais dessa tomada, não apenas de consciência, mas também de existência sobre a situação temporal vital, parece necessário para ponderar tanto as auto-sujeições quanto os hétero-interditos que balizam essa busca de saber-poder sobre a vida (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 112-113).

A consciência histórica de Ricoeur (1997) também prevê essa relação com o futuro. Para o autor, o por-vir – ou a morte – nos dão a ilusão de sairmos de um sentimento de finitude para o seu contrário. Conforme seu pensamento,

[...] se subtrairmos à mortalidade a capacidade de determinar por si só o nível de radicalidade em que a temporalidade pode ser

pensada, não enfraqueceremos o modo de questionamento que guia a investigação da temporalidade [...]. Muito pelo contrário. Se a potencialidade do ser-aí de um ser todo – direi: se sua capacidade de integralidade – cessa de ser unicamente regida pela consideração do ser-para-o-fim, o poder de ser-um-todo poderá novamente ser reconduzido à potência de unificação, de articulação e de dispersão do tempo. [...] Assim, a atestação dada pela voz silenciosa da consciência moral e a culpabilidade que dá a essa voz sua forma existenciária se dirigem ao poder-ser em toda sua nudez e em toda sua amplitude. Da mesma forma, o ser-jogado é tão revelado pelo fato de ter nascido um dia em algum lugar quanto pela necessidade de dever morrer. A queda não é menos atestada pelas promessas antigas não cumpridas do que pela fuga diante da perspectiva da morte (RICOEUR, 1997, p. 116).

Acrescentamos, ainda do mesmo autor, que a movência do futuro ao passado

[...] cessa de construir uma transição extrínseca, porque o ter-sido parece chamado pelo por-vir e, em certo sentido, contido nele. Não há reconhecimento em geral sem reconhecimento de dívida e de responsabilidade: daí que a própria resolução implique que assumamos a culpa e o seu momento de derrelição (*Geworfenheit*). Ora “assumir derrelição significa que o ser-aí *seja* autenticamente no estado em que *a cada vez ele já era* [...]”. O importante aqui é que o imperfeito do verbo ser – “era” – e o advérbio que o sublinha – “já” – não se separam do ser, mas que o “tal como ele já era” traz a marca do “eu sou”, como é possível dizê-lo em alemão: “*ich bin-gewesen*” (eu sou-sido). Podemos então dizer, abreviando: “Autenticamente por-vir é o ser-aí autenticamente tendo sido” (RICOEUR, 1997, p. 118-119, grifos do autor).

Nas ponderações colocadas até aqui, vemos o atravessamento da linguagem, seja extrinsecamente ou por inferências. A abertura da linguística para as narrativas de vida é recente, e reafirma, no entanto, o caráter social e dialógico da linguagem, elemento essencial de interpretação dos eventos que formam o eu, ser este que só se alcança por meio da enunciação de si. Para Bakhtin (2016, p. 23), “a língua é deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, se reduz à criação espiritual do indivíduo”.

A materialização verbal do espírito

[...] exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável. Essa ação reversiva da expressão bem formada sobre a atividade mental (isto é, a expressão interior) tem uma importância enorme que deve ser considerada. Pode-se dizer

que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas *o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão*, aos seus caminhos e orientações possíveis. Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, *ideologia do cotidiano*, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. Considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, sob o nome de psicologia social (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1988, p. 118-119, grifo dos autores).

A etnossociologia se interessa muito por narrativas invisibilizadas. Muitas delas se encontram nos ambientes laborais e se concentram na experiência vivida. No mundo corporativo, existe hoje a validação da experiência, propagada como um bem, produto, ostentada como um artefato a ser adquirido. Possivelmente, este novo tratamento que se tem dado à experiência é fruto de uma era de ânsias e ansiedades. A sociedade prega a urgência pela prosperidade. Fórmulas e métodos são vendidos, prometendo “ensinar” a experiência, sem o “ônus” da vivência, que remete à passagem do tempo – esta sim uma realidade indesejável num mundo que preza e busca a juventude.

Através das narrativas de vida é que alcançamos um sentido aprofundado da experiência. Quando se fala sobre o que se viveu, temos a possibilidade, não de transmitir o sabido, e, sim, de transformá-lo, pois contar não é viver de novo. Narrar o vivido é resignificar a experiência, evento que nos permite “[...] liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo” (LARROSA, 2014, n.p).

3. DA NARRATIVA DE VIDA À ENTREVISTA DE NARRATIVA DE VIDA

Como já dissemos antes, a narrativa de vida é possibilidade de se revisitar uma experiência através de um ato de linguagem. Num sentido mais aprofundado, é também o nascimento do narrador, um eu declaradamente enunciativo e que “[...] organiza de maneira autorreferencial simultaneamente um espaço de discurso e um espaço existencial” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 288).

Sendo a língua dispositivo, ao mesmo tempo, de acolhida e de exclusão, pensar a entrevista de narrativa de vida é, também, pensar metodologicamente. Nas entrevistas de narrativas de vida etnossociológica, o indivíduo deve ser, inicialmente, informado pelo pesquisador sobre os interesses da pesquisa. Na

abordagem proposta por Bertaux (2010), busca-se a noção de “campo” teorizada por Bourdieu⁵.

Por conta da diversidade dos campos, a etnossociologia sugere que, ao optar por um campo de estudo, observações empíricas sejam realizadas para se reconheçam lógicas específicas de funcionamento do campo em questão e as adaptações a serem realizadas.

Existiriam três categorias básicas de pesquisa, ressaltando que cada uma delas pode ramificar-se em outras, gerando *microcosmos* dentro de *mesocosmos* (BERTAUX, 2010). As categorias são: *mundos sociais* (centrada em atividades profissionais), *categorias situacionais* (situações particulares, como mães que criam seus filhos sem a presença do pai) e as trajetórias sociais (baseada em históricos familiares, ascensão ou queda social) (BERTAUX, 2010, p. 25-28).

Em qualquer uma destas categorias, é necessário que o pesquisador esteja atento ao campo que deseja estudar. “O que o pesquisador acredita saber de antemão representa, frequentemente, estereótipos, preconceitos e outras representações coletivas, carregados de julgamentos morais que circulam no senso comum” (BERTAUX, 2010, p. 28). O cuidado que se deve ter com este tipo de trabalho é manter em mente que constituem uma contribuição social, quando constatamos que realidades serão descortinadas e trazidas ao espaço acadêmico. Mas, até neste momento, é preciso ter cuidado, pois, muitos destes trabalhos não saem da ambiências dos “intelectuais”, não retornando aos sujeitos que foram o ponto de partida de onde se identificou um saber.

Como encontrar o outro, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como deixar-se influenciar por ele... Na maior parte dos casos, a resposta a essas perguntas aparece lá onde não se espera, lá onde não há nenhum método. Como se a dessemelhança devesse sempre se confirmar, como se o equívoco fosse a regra e o diálogo um puro acaso (AMORIM, 2004, p. 31).

Não é só a perspectiva do tempo vivido que molda a narrativa. É também a disposição do pesquisador, neste momento do trabalho, pondo-se mais como interlocutor, posicionado para esperar e ver a constituição narrativa de quem lhe conta uma vida. Sua presença entre os informantes de seu estudo deve ser naturalizada na medida do que se for capaz. Por isso a conversa, o diálogo, são modos tão eficazes de se chegar ao outro.

Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais leve e fragmentária

⁵ Bertaux (2010, p. 25) ressalva, como Bourdieu mesmo reconheceu, que “[...] nenhuma teoria geral dos campos poderia, com exceção de alguns princípios universais, determinar antecipadamente as formas que assumirão tal ou tal campo que estrutura as atividades de um determinado mundo social. Cada um requer um estudo empírico específico. O mesmo ocorre com os mundos sociais, (todo “campo” é um mundo social, mas muitos mundos sociais não são “campos”, de acordo com Bourdieu”.

que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva (BAKHTIN, 2016, p. 35).

Após apresentar os argumentos de seu trabalho, o pesquisador deverá usar o campo ao qual o informante pertence como um filtro, que também servirá de contrato ou um pacto para a entrevista (BERTAUX, 2010). Isto significa dizer, na prática, que o pesquisador está interessado em como o sujeito chegou a tal situação, pensando nas categorias elencadas pela etnossociologia. Abordar a narrativa de vida através de relatos de experiência abre espaços para se falar não apenas sobre aprendizados passados, mas sobre condições atuais e perspectivas futuras.

No caso de uma profissional da costura, por exemplo, a primeira pergunta de uma primeira entrevista poderia ser sobre como ela aprendeu o ofício. A resposta para tal indagação pode conter laços genealógicos sobre como se deu a transmissão do saber. Acontecendo esta hipótese situacional, a pessoa que conta estará contando sobre outras pessoas que ajudaram a construir o que ela entende por sua trajetória. Existiria aí uma alternância enunciativa, não somente entre sujeitos em interação face a face, como também do narrador com os outros sujeitos de sua vivência.

Essa mobilidade comunicativa

[...] emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados, é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva, que o distingue da unidade da língua (BAKHTIN, 2016, p. 35).

No que concerne à “[...] natureza da relação do narrador/informador com o ouvinte/pesquisador, compreendida como uma relação dialética” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 287), é ela que faz surgir a narrativa de vida verdadeiramente. Ou seja,

[...] esta não existiria sem a solicitação que a fez começar, sem a escuta de que é objeto, sem a interação da qual é o desafio; a narrativa é pois coproduzida, coenunciada por dois autores, um para o outro, ao mesmo tempo como indivíduos engajados numa interação pessoal e como membros de um grupo de grupos sociais diferentes por status, suas representações e seus valores.

Para a primeira conversa, portanto, o que o pesquisador deve se preparar para apresentar, não é a pesquisa, mas o pesquisador como ser humano. Este não é um tópico difícil de resolver. Basta que a pessoa pesquisador se coloque no lugar da pessoa entrevistada, que projete sua curiosidade de cientista de humanas no sujeito com quem vai conversar, imaginando que o outro também pode ter curiosidade sobre quem quer lhe conhecer.

Olhar para o outro como gostaria de ser olhado é um clichê antigo, contudo, existem lugares-comuns que envelhecem bem. O que importa é que a sensibilidade é precisa e necessária também ao falar e ao escutar.

A distinção é fundamental. Diga primeiramente quem é você (“eu trabalho em uma dissertação de mestrado, em uma tese, em um livro sobre...”): mencione o objeto social em termos familiares, deixando de lado o vocabulário propriamente sociológico, e introduza o verbo “contar” ou um equivalente (por exemplo, “alguém me disse que você teria coisas interessantes para me contar”) (BERTAUX, 2010, p. 78).

Não é incomum que a pessoa se esquive, que devolva uma pergunta do tipo “mas o que eu teria de interessante para lhe dizer?”. Isso acontece, principalmente, se a pesquisa escolhe investigar trabalhadores que estejam numa posição inferiorizada na hierarquia social, pessoas que construíram seu saber fora dos caminhos comuns – escola e universidade. A experiência de vida ainda é muito ligada ao saber intelectualizado. Uma saída para a recusa é afirmar que esse é justamente o interesse do trabalho, conhecer situações como a de seu interlocutor e apurar a trajetória de outros modos do saber e do fazer (BERTAUX, 2010).

É importante também garantir que não se tomará muito tempo do possível entrevistado. Retomando o exemplo das costureiras como sujeitos de uma pesquisa, pode-se dizer que quem trabalha autonomamente não desfruta de uma liberdade sobre seus horários, pois, precisa “fazer” o próprio salário. Some-se a isso a jornada dupla como dona de casa. Reconhecer as dificuldades de um possível informante é sinal de respeito pela pessoa, ainda que ela se negue a conversar com o pesquisador.

Essa primeira conversa de apresentação do pesquisador e sua pesquisa não precisa, necessariamente, ocorrer pessoalmente. Os contatos por telefone ou aplicativos de mensagens podem ser ferramentas bastante úteis, contudo, não dispensam a interação face a face. Ou seja, não é desejável conversas à distância – a não ser em casos bem específicos, sempre dependendo do contexto da pesquisa e das demandas que ela impõe. Também deve-se informar ao possível entrevistado que a conversa será gravada. Muitas pessoas sentem-se intimidadas ao saber que suas falas ficarão registradas. Este pode ser outro momento para explicar sobre a relevância do estudo em curso e das práticas que eles demandam, além de garantir ao sujeito seu anonimato, se esse for um desejo seu. Isto é, quanto mais informações com as quais o informante em potencial puder lidar, mais ele estará ciente do contexto no qual poderá se inserir.

Outros detalhes aos quais o pesquisador precisa estar atento são os técnicos. A gravação da conversa pode ser feita tanto em aplicativo de celular como num gravador profissional. O ideal é que sejam com dois gravadores – sempre pode ocorrer algum imprevisto – e que se verifique a bateria e carregadores e/ou pilhas. Logo que possível, o pesquisador deve “salvar” os arquivos nos mais diversos mecanismos de armazenamento disponíveis – pendrive, HD externo, cartão de memória, espaços de arquivamento próprios da internet (“a nuvem”). Esse pode

parecer um cuidado extremado, no entanto, se temos tantas possibilidades de arquivar registros de pesquisa, não é problema usá-los.

A vestimenta também é um detalhe a ser notado. É sinal de consideração para com o entrevistado e com a própria pesquisa adequar-se à situação. Pontualidade também é sinal de comprometimento e interesse.

Embora a etnossociologia recomende que se deixe o entrevistado contar sua história com o mínimo de interrupções e desvios – o pesquisador está ali para a coleta da narrativa, não para o controle do que é dito – não se deve acompanhar a conversa sem um roteiro. Não se trata, evidentemente, de um questionário, mas de uma lista de questões que você tem sobre seu tema de estudo, seus modos de funcionamento, seus contextos de ação (BERTAUX, 2010, p. 80).

Como dissemos acima, o roteiro é necessário, mas não deve servir de distração nem para o pesquisador nem para o entrevistado, caso este note em seu interlocutor mais atenção ao que está anotado no papel⁶. O roteiro serve para ser estudado previamente e só consultado ao final da conversa. Isso é próprio da entrevista narrativa. Como pesquisador

[...] você encorajará o entrevistado a contar sua vida. Você o estimulará a se apropriar da entrevista, mostrando seu interesse por tudo que ele diz. Você deverá identificar o momento de pedir que desenvolva algum ponto que faz parte do seu roteiro para voltar sobre pontos não abordados (BERTAUX, 2010, p. 80).

Para as entrevistas seguintes, caso o pesquisador considere necessário e o informante esteja disposto a continuar contribuindo com a pesquisa, é preciso cuidado para não repetir perguntas de conversas anteriores, a não ser que surjam novos fatos ou outros sentidos ao que foi contado. A postura de escuta atenta é sinal de distinção com o entrevistado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode refletir sobre o momento presente da vivência. A reflexividade proposta pela construção da narrativa proporciona que se tirem lições da experiência vivida, além de oferecer “[...] um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo, portanto, o que mais lembra o ideal impossível de globalidade” (DOSSE, 2009, p. 344)⁷.

⁶ Atualmente, aplicativos de notas para celular têm substituído os bloquinhos de papel. Contudo, pela nossa experiência como entrevistadora de narrativa de vida, recomendamos que o roteiro e quaisquer outras anotações relevantes para a conversa seja feita no papel mesmo. Não se trata de posturas metodológicas conservadoras, e, sim, da má impressão que o pesquisador vai passar a seu informante ao ficar todo o tempo mexendo no celular, ainda que seja para conferir algum apontamento.

⁷ DOSSE, François. **O desafio autobiográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

Encarar a entrevista como um dispositivo de produção de dados que serão postos em análise é estender esse tratamento aos informantes. Por este caminho não se chega à narrativização do eu. Em Ciências Humanas, esse tipo de abordagem que desvela a fala e a história do outro, seja pela linguística, pela sociologia ou pela psicologia, deve ser antecipada por uma oitiva atenta, por um ouvido afinado (LARROSA, 2014). Só com esse cuidado da escuta como um gesto aprimorado pelo ofício é que se chega à narrativa. É que se encontra a pessoa que (se) conta.

O discurso da identidade é híbrido e ganha sentido quando é verbalizado na recomposição da história de uma vida. Afinal, não existe um eu do passado. Existe um eu presente que olha para o vivido e busca interpretá-lo com o olhar do hoje. Através das narrativas de vida, o passado se reconfigura na (re)contação, pois, alteram-se os sentidos. A quem se conta também serve de elemento de filtragem do vivido. A narrativa construída traz subjacente a si a presença do interlocutor direto, em meio a tantos outros níveis de dialogicidade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 176p.

_____; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Tradução de Alberto Pozzer. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. *E-book* (176 p.): (Coleção Educação: Experiência e Sentido). ISBN 978-85-8217-436-4. *E-book Kindle* (não paginado).

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. Qual história? In: _____. **As histórias de vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012, p. 105-128.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

Para citar este artigo

RIBEIRO, E. F.; VASCONCELOS, S. M. F. A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 209-224.

As Autoras

EDLA FREITAS RIBEIRO é Formada em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA e em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri-UFCA. Mestranda em Letras pelo PPGL-URCA. Pesquisadora do GELDA-Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico.

SANDRA MAIA FARIAS VASCONCELOS é Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1996), com Especialização em Psicopedagogia e Doutorado em Sciences de L'Education pela Universidade de Nantes (2003) e Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015).